

MÚSICA É VIDA

Entrevista com Arnaldo Cohen*

Sonia Chébel Mercado Sparti¹

Desde que começou a chamar a atenção da crítica e do público, o pianista Arnaldo Cohen tem desfrutado de uma carreira de sucesso contínuo, que o levou às maiores salas de concerto do mundo. “Cohen é um dos mais extraordinários pianistas que já ouvi”, declarou o maestro Yehudi Menuhin. “Com uma técnica infalível, sua performance foi um modelo de equilíbrio e de imaginação”, publicou o jornal *New York Times*, em dezembro de 2006. Nascido no Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1948, ao receber suas primeiras aulas de música, aos cinco anos de idade, Arnaldo Cohen iniciou o percurso que o levou a graduar-se com grau máximo, em piano e violino, pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tornou-se violinista profissional do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e continuou seus estudos de piano, sob orientação do grande Jacques Klein, por quatro anos. Concluída sua formação no Brasil, Cohen fixou residência em Viena, onde estudou com Bruno Seidlhofer e Dieter Weber. Em 1972, o talento, a sensibilidade e a técnica do então jovem pianista levaram-no a conquistar, por unanimidade do júri, o Primeiro Prêmio do prestigioso Concurso Internacional Busoni de Piano, na Itália. Após substituir Martha Argerich, no *Concertgebouw* de Amsterdã, Arnaldo Cohen realizou mais de 2.000 concertos, em teatros do mundo todo como o *Scala* de Milão, o *Champs-Élysées* de Paris, o *Gewandhaus* de Leipzig, o *La Fenice* de Veneza, o *Royal Festival Hall* e o *Royal Albert Hall* de Londres, atuando com regentes como Kurt Masur, Yehudi Menuhin, Kurt Sanderling e Klaus Tennstedt. Além de suas apresentações como recitalista e concertista, Arnaldo Cohen transita também, com igual desenvoltura, pelos domínios da música de câmara, tendo integrado, por vários anos, o lendário *Trio Amadeus* e se apresentado com grupos como o Quarteto de Cordas Lindsay, entre outros. Em setembro de 2004 transferiu-se

* Pianista e professor Indiana University (E.U.A)

¹ Doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Lecionou Psicologia e ocupou cargos de direção na PUC-SP (1973-2006) e na Universidade de Sorocaba – Uniso (1972-2007). Conselheira da Fundação Dom Aguirre (2008-2011), entidade mantenedora da Uniso.
E-mail: chebel@spligenet.com.br

para os Estados Unidos, após viver mais de vinte anos em Londres, tornando-se o primeiro músico brasileiro a assumir uma cátedra vitalícia na Universidade de Indiana. Na Inglaterra, Cohen lecionou nos departamentos de pós-graduação da *Royal Academy of Music*, em Londres, e do *Royal Northern College of Music* de Manchester, onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa. Em 2001 foi condecorado pelo governo brasileiro, com a Ordem do Rio Branco. Seu interesse pela vida acadêmica levou-o a participar, como jurado, de vários concursos internacionais, como o Concurso Chopin, de Varsóvia, o Busoni, na Itália e o de Liszt, na Holanda.

Cohen desfruta hoje de um momento ímpar em sua carreira. O temido crítico Harold Schonberg, ao ouvir suas “Variações de Brahms sobre um tema de Handel” (1997), sentenciou: “não conheço nenhuma gravação moderna que se aproxime desta”. Seu cd dedicado a Liszt (1997) ocupou os primeiros lugares em vendas, na Inglaterra. Em 2001, para o selo sueco BIS, Cohen gravou um cd dedicado inteiramente à música brasileira - “Brasiliana - Três séculos de música no Brasil” (2001). Em novembro de 2004, a revista *Gramophone*, bíblia do mercado fonográfico, incluiu seu outro cd dedicado a obras de Liszt (2004), na prestigiosa e seleta lista do *Editor’s choice*. O último cd de Cohen (com os concertos 1 e 2 de Liszt, 2007), como solista da Osesp, regida por John Neschiling, foi saudado pela mesma revista como “difícil de superar”. Em março de 2008, Arnaldo Cohen esteve pela primeira vez em Sorocaba, para um recital no Teatro Municipal, quando aceitou o convite para esta entrevista.

Sonia Chébel Mercado Sparti: De que maneira a música começou a ser inserida em sua vida, ainda durante a infância?

Arnaldo Cohen: Foi aos cinco anos, através de uma professora de piano do Conservatório de Música de Madureira, um subúrbio do Rio de Janeiro, que convenceu meu pai da importância do estudo da música para uma boa formação cultural de seus filhos.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Como foi possível conciliar o estudo de violino e piano (na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro), o curso colegial, cursinho e, depois, o de Engenharia (nessa mesma universidade) e a participação no movimento universitário, no período compreendido entre 1965 e 1968? Como foi sua rotina diária nesses anos?

Arnaldo Cohen: O tempo era o grande “sonho de consumo”. Como meu dia precisava ter mais que 24 horas, a solução era dormir menos. A “agenda” era cansativa

e começava às cinco da manhã. Até às 06h30min, o tempo era dedicado ao estudo das matérias do vestibular para a Faculdade de Engenharia. Café da manhã e ônibus rumo ao cursinho, que acabava ao meio-dia. Após um descanso para um sanduíche em pé, lá ia eu para a Escola de Música, onde, entre 1h e 5h da tarde, eu tinha aulas de piano, violino e matérias teóricas. Ao final, um intervalo rápido para um guaraná e uma caminhada de três quilômetros até o Colégio Pedro II, onde cursei os três anos do colegial. A “peregrinação” terminava às 22h da noite, chegava em casa as 23h e estudava mais uma ou duas horas. Nos fins de semana, eu dedicava mais tempo ao piano, violino e ao futebol, minha paixão secreta. Felizmente, na época, as lentes de contato ainda não existiam e assim o sonho de um futuro no esporte foi definitivamente colocado para escanteio...

Sonia Chébel Mercado Sparti: A partir de qual momento a música passou a ser considerada por você, necessidade existencial, sem a qual não seria mais possível viver? Sua família compreendeu sua decisão?

Arnaldo Cohen: Senti que, se continuasse me dedicando a tantas atividades diferentes, acabaria por me tornar medíocre em todas. A música representava o sonho, enquanto que a engenharia, a sobrevivência, a escolha inteligente. E qualquer opção envolvia um preço a pagar: para ter ou para não ter. O destino foi meu parceiro, colocando no meu caminho um master-class, ministrado pelo pianista Jacques Klein (1930-1982), um dos maiores músicos brasileiros. Acreditei em sua afirmação de que eu tinha “o talento necessário para me tornar um pianista profissional”. Esse foi o “pontapé” inicial para a virada do jogo.

Com bom senso, meus pais foram contra essa decisão... Como eu era financeiramente dependente deles, entendi que deveria enfrentar essa luta sozinho. E saí de casa. A sobrevivência passou a ser mais importante que o tempo. O concurso para violinista da Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi a solução. Por sorte, fui aprovado. E o violino acabou por se tornar meu melhor amigo.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Qual episódio contribuiu para deslanchar sua carreira internacional de pianista e por que foi/é necessário morar no exterior (Inglaterra, Estados Unidos)?

Arnaldo Cohen: O primeiro lugar no Concurso Internacional Busoni, em 1972, foi o fato decisivo para que as portas do mercado internacional se abrissem uma espécie de “selo de qualidade”.

A necessidade de morar no exterior se deveu a dois aspectos. Viver em um ambiente

rico culturalmente e onde se estabelece um contato com a “realidade”, através de parâmetros de qualidade. E por uma questão prática, viver perto do mercado de trabalho onde se atua.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Como você escolhe seu repertório? Há compositores ou obras preferidas? Ainda há necessidade de estudar piano, diariamente?

Arnaldo Cohen: Acredito que as escolhas do homem têm sempre sua origem no lado emocional. Primeiro, decidimos o que “gostamos” ou “queremos”. E depois justificamos nossas escolhas. Minha peça favorita é sempre aquela que estou tocando.

A necessidade do estudo diário de um pianista está aliada ao lado “atlético” dessa atividade. Sem preparo físico, por mais talento que tenha um jogador de futebol, jamais terá condições de jogar uma partida durante 90 minutos. O pianista não é diferente.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Apesar de intensa concentração durante os concertos, você percebe a reação do público? De que modo ele o afeta?

Arnaldo Cohen: Quanto mais um artista se dissocia do público, mais poderá a ele se “doar”. Esse é o grande paradoxo dessa profissão. Por exemplo, tudo que um jogador de futebol quer, ao bater um penalti, é colocar a bola no fundo da rede. O grito da torcida depende do resultado. Da mesma forma que o aplauso só acontece depois do envio da “mensagem” musical.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Especialistas afirmam que a indústria fonográfica está com os dias contados e, justamente, a partir desse momento você decide iniciar a gravação de CDs (Lizst, Brahms, Schumann, autores brasileiros...). Como superou as resistências que tinha em relação às gravações?

Arnaldo Cohen: Não mudei minha forma de pensar ou sentir. Simplesmente tornei-me menos “fundamentalista”. Não sei por quanto tempo...

Acredito que a indústria fonográfica, em sua forma antiga, praticamente já não existe mais. A internet tornou-se a “ponte” entre o consumidor e a música. Um CD pode custar até R\$50, mas pagando R\$30 por ano, pode-se, por exemplo, acessar, via internet, todo o catálogo de companhias discográficas como a Naxos e BIS. Ou até por R\$2 pode-se comprar uma faixa de um CD.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Um de seus CDs foi considerado *the best buy*; e um de seus bis foi chamado *the best bis*. Você pode nos falar a respeito?

Arnaldo Cohen: Senti-me muito honrado com esses prêmios recebidos.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Como é seu trabalho de professor (e professor vitalício!) na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos? Você já havia lecionado, anteriormente, em outro país? Como consegue conciliar sua carreira internacional de pianista e seu trabalho acadêmico na Universidade?

Arnaldo Cohen: O tempo voltou a ser um artigo de luxo na minha vida. Exerço hoje duas profissões que requerem dedicação exclusiva. Às vezes, chego em casa cansado, depois de dar oito horas de aulas na universidade e ainda tenho que estudar para os concertos. A solução é jantar, dormir umas duas horas e... estudar até às 4h da manhã.

Além de ser revigorante, o contato com os jovens me ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos. Durante muitos anos, dei master-classes na Europa, em geral e em particular, na *Royal Academy*, em Londres, e no *Royal Northern College of Music*, em Manchester.

Sempre tive interesse pelo lado acadêmico, uma espécie de “devolução” do muito que recebi da vida.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Tendo realizado mais de dois mil concertos, nos principais teatros e salas de concertos, ao redor do mundo, como percebe a interface entre as diferentes culturas, através da música clássica?

Arnaldo Cohen: Música é vida e o ser humano continua o mesmo de 4.000 anos atrás. Mudaram a sociedade, os conceitos, as repressões, mas não o nosso “software”. Somos todos iguais. A sofisticação cultural de qualquer sociedade depende diretamente da vontade de seus líderes.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Você é considerado pela crítica especializada como *o pianista que pensa*. A que você atribui essa denominação?

Arnaldo Cohen: Será que sou um pianista “anormal”?

Sonia Chébel Mercado Sparti: Outro aspecto de sua vida é o trabalho de jornalismo e crítica musical que publicou na grande imprensa brasileira (que pode ser lido no site oficial www.arnaldocohen.com). Qual dos teclados lhe proporciona mais emoção: o do piano ou o do computador?

Arnaldo Cohen: Não sou jornalista, mas um amador que escreve sobre a minha área. Meus “escritos” são resultado de um puro atrevimento e de uma incorrigível curiosidade. Confesso que o teclado do computador é um hobby.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Por obra e luta de Heitor Villa-Lobos, em 1932, Getúlio Vargas assinou um decreto que tornou obrigatório o chamado *canto orfeônico* no currículo escolar. Mas em 1972, um ato do Coronel Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação do Presidente Médici, extinguiu o ensino musical nas escolas. Atualmente, a senadora Roseana Sarney conseguiu aprovar um projeto que altera a Lei nº 9.394, de 1996 - conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - que pretende tornar obrigatório o ensino de música nas escolas. Esse projeto vai agora para a aprovação da Câmara dos Deputados. Como você vê essa questão?

Arnaldo Cohen: Conceitualmente, um projeto da maior importância. Na prática, tenho algumas dúvidas quanto à sua viabilidade. Soube que o nosso presidente vetou o artigo que prevê que os professores tenham formação específica na área. Ficam então algumas perguntas no ar, como: 1) terão as Secretarias de Educação recursos suficientes?; 2) haverá profissionais suficientes disponíveis no mercado?; 3) que profissionais serão esses, já que eles não precisam demonstrar seu conhecimento na área?; 4) Qual a capacitação necessária para que um professor seja habilitado a ensinar música? Tocar pandeiro é suficiente (com todo o respeito)?

Não esqueçamos que a pobreza e o analfabetismo já foram eliminados do nosso país. Por decreto, claro. Acho que a bola da vez é “conhecimento de música”.

Sonia Chébel Mercado Sparti: A utilização de música clássica como fundo musical de muitos desenhos animados pode ser considerada banalização desse gênero musical ou contribuição para sua divulgação?

Arnaldo Cohen: Boa música, bem executada, jamais será banal. Em 1913, a estréia da “A Sagração da Primavera”, uma das obras primas do compositor russo Igor Stravinsky, era vaiada em Paris. Precisou a polícia intervir para acalmar uma platéia, inconformada com o atonalismo, falta de uma melodia e harmonia tradicionais a que os ouvidos estavam acostumados. Uma espécie de cacofonia musical, justificavam. Em 1940, a mesma “Sagração” era usada como trilha sonora de um filme infantil: “Fantasia”, de Walt Disney. O imenso sucesso, em parte graças às crianças, contribuiu para que a peça seja hoje considerada uma das pilstras do repertório contemporâneo.

Sonia Chébel Mercado Sparti: O que gostaria de acrescentar?

Arnaldo Cohen: Basta estudar um pouco de história para se verificar a importância da cultura na formação de qualquer povo civilizado. Se dependermos exclusivamente de ações do nosso governo, voltaremos à idade da pedra. A única alternativa é a participação ativa de nossa sociedade e da iniciativa privada. Não com vistas à erudição mas à civilidade.

Sonia Chébel Mercado Sparti: Obrigada pela entrevista.

REFERÊNCIAS

COHEN, Arnaldo. **Schumann & Brahms Piano Music**. United States: Vox, 1997. 1 CD (ca. 66min09s).

COHEN, Arnaldo. **Franz Liszt: Complete Piano Music**. Canadá: Naxos, 1997. 1 CD, vol. 1 (ca. 71min04s).

COHEN, Arnaldo. **Brasiliana: Three Centuries of Brazilian Music**. Austria: BIS, 2001. 1 CD (ca. 71min31s).

COHEN, Arnaldo. **Franz Liszt: Funérailles, Rhapsodie Espagnole, Vallée d'Obermann, Sonata in B minor**. United States: BIS, 2004. 1 CD (ca.72min30s).

COHEN, Arnaldo. **Franz Liszt: Totentanz, Piano Concertos 1 & 2** . United States: BIS, 2007. 1 CD(ca. 57min08s).